

# **A ENTREVISTA COMO PROCEDIMENTO DE PESQUISA EM DISSERTAÇÕES E TESES PRODUZIDAS NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UFSCar (1999 A 2003).**

Vanessa Cristina Paulino, Eduardo José Manzini, Michele Oliveira da Silva, Priscila Moreira Corrêa. – Educação - Pedagogia - Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

A entrevista é um procedimento cada vez mais utilizado para coleta de dados em várias áreas por diversos profissionais. Também é utilizado por pesquisadores em cursos de graduação e de pós-graduação para coletar dados em trabalhos de diferentes níveis como iniciação científica, mestrado e doutorado.

Nos Programas de Pós-graduação em Educação e Educação Especial, a entrevista tem sido bastante utilizada como procedimento para coletar dados, pois dependendo das informações, dos sujeitos e principalmente dos objetivos, esse método é considerado o mais seguro e o mais indicado: “Difícilmente poderia pesquisar história de vida relatadas pelas próprias pessoas deficientes, com relação ao seu cotidiano, sem recorrer a alguma forma de entrevista.”(DIAS e OMOTE, 1995, p.93).

Estudantes de graduação, de pós-graduação e diversos profissionais como psicólogos, professores, sociólogos, jornalistas, assistentes sociais; que utilizam esse tipo de procedimento, inicialmente devem conhecer suas vantagens e desvantagens, e verificar se esse procedimento é o mais eficaz para alcançar os objetivos de seu trabalho. Assim, os pesquisadores que optarem pela utilização da entrevista como procedimento para coleta de dados devem inicialmente tomar todos os cuidados tanto na realização quanto na análise dos dados, baseados principalmente em considerações teóricas sobre o assunto. Dentre esses cuidados, podemos destacar a escolha do tipo de entrevista ser mais adequada ao número de entrevistados, uma vez que seria pouco viável a realização de uma entrevista semi-estruturada para uma quantidade muito grande de sujeitos; outra consideração seria submeter o roteiro de entrevista ou das categorias de análise para apreciação por juízes experientes na realização da entrevistas. O pesquisador também deve tomar cuidados na escolha do equipamento de registro e do local mais apropriado para realização da entrevista.

A entrevista enquanto procedimento é útil para coletar relatos, opiniões, pretensões, concepções, expectativas, percepções, dentre outros. Em uma abordagem metodológica Manzini (2004, p. 9) define:

A entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador que tem um objetivo previamente definido, e o entrevistado, que supostamente possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio de linguagem.

Tendo essas considerações, o objetivo do presente trabalho é verificar a frequência, e analisar a utilização da entrevista no programa de Pós-graduação em Educação Especial da UFSCar entre os anos de 1999 a 2003.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na identificação e seleção das dissertações e teses produzidas no Programa de Pós-graduação em Educação Especial da UFSCar (PPGEE). Para isso, utilizamos publicação realizada por Almeida, Mendes, Williams (2004), que apresenta todos os resumos das dissertações e teses produzidas no PPGEE entre os anos de 1993 a 2003. Os resumos foram lidos e selecionados aqueles cujo método de coleta e análise apresentava referência ao uso de entrevista.

A partir do critério mencionado, foram identificadas 39 dissertações e uma tese. Para registro das informações contidas nas dissertações e tese selecionadas elaboramos uma planilha com os seguintes itens: 1) título/autor; 2) nível; 3) tipos de entrevista; 4) justificativa; 5) tipos de roteiro; 6) juízes para roteiro; 7) tipos de perguntas; 8) local; 9) descrição do procedimento: tipos de registro e duração da entrevista; 10) sujeitos entrevistados e número de sujeitos; 11) termo de consentimento; 12) procedimento único ou auxiliar; 13) realização de projeto piloto; 14) Tipo de análise e transcrição; 15) tipo de pesquisa; 16) juízes para análise dos dados. Esses itens foram levantados por conterem informações relevantes para objetivo proposto.

A partir dos resultados obtidos, foram construídos gráficos e esses foram discutidos à luz da bibliografia específica sobre a temática.

Considerando o tipo de entrevista, pudemos perceber que os tipos utilizados foram semi-estruturada (24), mista (13) e semi-estruturada e mista (3). Como aponta Manzini (2003), um dos motivos da entrevista semi-estruturada ser a mais utilizada seria por que esse tipo de entrevista representa certa facilidade e segurança para pesquisadores menos experientes, já que o roteiro auxilia e orienta na coleta de dados; pois segundo: “O roteiro serviria, então, além de coletar informações básicas, como meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.” (MANZINI, 2004, p.2).

Cabe salientar que nenhum dos pesquisadores utilizou a entrevista estruturada, talvez pela falta de experiência, pois esse tipo de entrevista demanda estudo e conhecimento mais amplo sobre o tema de pesquisa, devido a sua estrutura de questões por alternativas (SELLTIZ; WRIGHTSMAN e COOKE, 1987). A entrevista não-estruturada também não foi utilizada por nenhum pesquisador, pois também exige conhecimentos mais específicos sobre o tema de pesquisa, tratando-se de uma entrevista guiada por uma única questão básica e o seu rumo ser determinado pelas respostas do entrevistado. Nesse tipo de entrevista, o entrevistador deve estar preparado e ter clareza dos seus objetivos e baseado na resposta do seu informante elaborar ou não uma nova pergunta sobre temas que ainda não tenham sido esclarecidos.

Por meio da pesquisa, foi possível perceber que dos trabalhos analisados, 24 justificaram a utilização da entrevista como procedimento para coleta de dados, e 16 não justificaram sua utilização, e mesmo os pesquisadores que tiveram essa preocupação, não o fizeram por meio de literatura específica.

A análise indicou que os roteiros das entrevistas foram elaborados por: temas e itens (2), temas e perguntas (1), itens (1), perguntas com itens (2) e perguntas (34). A composição de roteiro por pergunta é a mais indicada para pesquisadores inexperientes, pois se a composição do roteiro for feita por itens ou temas, pode gerar diferentes indagações na realização de mais de uma entrevista com um mesmo roteiro (MANZINI, 2003).

Outra consideração importante para a realização de uma entrevista é a submissão do roteiro à apreciação por juízes, mas os resultados apontam que dos 40 pesquisadores, apenas quatro tiveram essa preocupação. A adequação do roteiro de entrevista à apreciação por juízes demonstra extrema importância em pesquisas que utilizam esse procedimento, pois possibilita que outros pesquisadores com experiência em entrevista e conhecimentos sobre o tema de pesquisa possam colaborar para a adequação do roteiro (MANZINI, 2003).

Ao fazer a análise dos sujeitos entrevistados, constatamos que fizeram parte do quadro de entrevistados: empregadores (1), atendente (1), companheiro de trabalho do deficiente (1), trabalhador DM (1); diretores (3), doentes (4), profissionais da área de saúde (4), deficientes (10), profissionais da área de reabilitação (4), professores (14), adolescentes infratores (1) e familiares (15) em 1 trabalho esse dado não pode ser contemplado. Os sujeitos classificados como “doentes” são portadores e ex-portadores de hanseníase, e também crianças e adolescentes diabéticas.

O número de sujeitos entrevistados variou de 1 a 5 (29), de 6 a 10 (17), de 11 a 15 (5), de 16 a 20 (3), mais de 20 (2), e em seis trabalhos não constava esta informação nos trabalhos. Na maioria dos trabalhos, o número de sujeitos está de acordo com o tipo de entrevista escolhido pelo pesquisador. Contudo em alguns casos, esse número foi superior ao indicado para o tipo de entrevista utilizado, por exemplo, em alguns trabalhos utilizou-se a entrevista semi-estruturada para um grande número de sujeitos. Isso, segundo a literatura, pode tornar o processo de coleta e análise economicamente desvantajoso, sendo que a entrevista semi-estruturada coleta um número considerável de informações, por isso, para um número de sujeitos excessivo, torna-se inviável a análise. Nesses casos, o mais indicado seria a realização da entrevista-estruturada: “[...] desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados que geralmente são em grande número.” (GIL, 1999, p.120).

Em relação ao registro das entrevistas, podemos perceber que foram feitos por filmagens e anotações (1); pela internet (1); por filmagens (2); através de anotações (5); gravações e anotações (5); filmagens e gravação (4), apenas gravação (18) e em quatro trabalhos, não constam o tipo de registro.

Podemos considerar que a opção pela utilização de mais de um equipamento para registro, certamente objetivou a garantia que nenhuma informação ficasse sem registro.

Em um trabalho foi utilizado o termo “escrito pela Internet”, como forma de registro de uma entrevista. Essa descrição de registro fica contrária algumas definições de entrevista, tendo em vista que a sua realização é feita face a face (MANZINI, 2003).

Assim, como cuidados metodológicos para elaboração do roteiro de entrevista, o pesquisador deve tomar cuidados com sua realização, como a escolha do local mais indicado. Os resultados da análise das dissertações e teses do programa nos indicaram que as entrevistas foram realizadas em lanchonete (1); instituições (4); consultórios e clínicas (3); Centros de Saúde, Centros de Reabilitação ou hospitais (6); residência (14); escolas (14), febre (1); universidade (1); local de trabalho (2), e dois trabalhos omitiram essa informação. Alguns pesquisadores tiveram cuidado em escolher o local de realização da entrevista, com exceção de uma entrevista que foi realizada em uma lanchonete.

Quanto ao tempo de duração das entrevistas, constatamos que duraram: 90 minutos (1); 240 minutos (1); de 45 a 90 minutos (1); de 120 a 150 minutos (2); de 40 a 55 minutos (2); de 20 a 29 minutos (2); de 30 a 90 minutos (3); de 30 a 60 minutos (3); de 30 a 40 minutos (7); mais de uma tarde (1) e em 17 dissertações essa informação não foi apresentada. O tempo de duração da entrevista não é rígido, depende do tipo de entrevista, dos sujeitos, do objetivo da pesquisa, da experiência de cada entrevistador e também do tempo de duração médio observada no estudo piloto: “Esses limites de tempo não são regras rígidas e são mais baseados na experiência e em circunstância da pesquisa experimental” (SELLTIZ; WRIGHTSMAN e COOKE, 1987, p.20). Contudo, algumas entrevistas apresentaram tempos excessivos, com duração de “mais de uma tarde”.

Outro item analisado se refere à apresentação do termo de consentimento. Metade dos trabalhos (20) apresentou essa informação, confirmando a importância do seu uso. E dois pesquisadores o fizeram de forma errônea, sendo que mencionaram que o consentimento foi oral, no momento da entrevista ou pelo telefone. O termo de consentimento tem sido exigido pelo comitê de ética da maioria das instituições, tratando-se de pesquisas que envolvem seres humanos.

Além da submissão do roteiro de entrevista à apreciação por juízes, o estudo piloto é outro meio importante de adequação da entrevista. Foi referido em apenas quatorze dos quarenta trabalhos analisados. O estudo piloto é importante para o entrevistador saber quais perguntas podem gerar recusa de resposta, o tempo médio de duração da entrevista ou para adequação da linguagem das perguntas à realidade do entrevistado. Tendo em vista a importância do estudo piloto na entrevista assim como no questionário, Thiollent (2000, p.66) aponta: “[...] o questionário é testado ao nível de um pequeno número de pessoas representativas, a que permite melhorar a formulação e tirar algumas ambigüidades da linguagem.”

A entrevista foi utilizada como procedimento de coleta auxiliar em trinta e sete dos quarenta trabalhos analisados, demonstrando que de acordo com os objetivos da pesquisa, esses pesquisadores buscaram outros procedimentos para auxiliar na coleta de dados e no desenvolvimento do trabalho. (BRUYNE; HERMAN e SCHOUTHEETE, 1997).

Quanto à análise dos resultados devemos considerar o tratamento que os pesquisadores dispensaram às respostas das entrevistas. A maioria dos pesquisadores (20) apresentou trechos de fala e não descreveram o tipo de análise realizada. Outros (11), além de não descreverem o tipo de transcrição, não apresentaram trechos de fala. Nesse caso e em outros, pode ser pelo fato de a entrevista não ser o procedimento principal para coleta de dados.

A análise do material coletado pela entrevista na maioria das dissertações e tese (11) baseou-se nas considerações de autores, demonstrando que os pesquisadores tiveram preocupações metodológicas para o tratamento das informações coletadas. Alguns autores realizaram análise temática do material coletado (8), outro realizou análise estatística (1) baseado em literatura específica. Quatro pesquisadores agruparam as respostas da entrevista de acordo com as perguntas do roteiro. Essa atitude é a menos indicada, pois limita às respostas a determinadas categorias.

Quanto à submissão das categorias formuladas com as respostas à apreciação por juízes, foi possível observar que apenas três pesquisadores tiveram essa preocupação.

No geral, os resultados indicaram que alguns cuidados essenciais para utilização da entrevista, como a adequação do roteiro ou das categorias de respostas por juízes ou ainda à realização do estudo piloto não foram contempladas, ou não constam em seus trabalhos. Sendo que grande parte das informações buscadas para análise desse estudo não constava na parte metodológica das dissertações e teses.

Antes de escolher a entrevista ou qualquer outro procedimento para coleta de dados, o pesquisador deve conhecer seus benefícios, as possíveis desvantagens e, principalmente, o tipo de informação que cada procedimento possibilita coletar. Se fundamentado nessas considerações, o pesquisador considerar a entrevista adequada deve tomar todos os cuidados indicados pela literatura para que as desvantagens não prejudiquem sua coleta de dados. Assim, a entrevista não pode ser vista como um “dom”, pois o pesquisador só terá bons resultados, com uma prática bem orientada e fundamentada.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, M.A. MENDES, E. G.; WILLIAMS, L. C A. *Programa de Pós-graduação em Educação Especial: 25 anos construindo conhecimento (1978-2003)*. São Carlos: UFSCar, 2004

BRUYNE, P; HERMANS, J; SCHOUTHEETE M. DE. *Dinâmica da pesquisa: os pólos da prática metodológica*. Rio de Janeiro. Alves. 1977.251p

DIAS T. R. S; OMOTE, S. *Entrevista em Educação Especial: aspectos metodológicos*. Revista Brasileira de Educação Especial, Piracicaba, v. 3, p. 93-100, 1995

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atla. 1999. 206 p

MANZINI, E. J. *Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada*. In: Maria Cristina Marquezini, Maria Amélia Almeida, Sadao Omote (orgs). Colóquios sobre pesquisa em educação especial. Londrina: EDUEL, 2003. p.11-25.

MANZINI, E. J. *Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, A pesquisa qualitativa em debate, Bauru, 2004. *Anais...*, Bauru: SIPEQ, 2004. 1 CD.

SELLTIZ, C; WRIGHTSMAN, L.S.; COOKE, S. W. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. 4 ed São Paulo: E.P.U. 1987

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 10. ed. São Paulo: Cortez. 2000.

**Bolsa:** CNPq/PIBIC